

MOSAICO

apoio pastoral

::: NESTA EDIÇÃO :::

Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos
pág. 2

Emaús: cotidiano da fé em Jesus Cristo, ressurreto

Marcos Munhoz da Costa
pág. 3

Pra não dizer que não falei das flores: a presença da mulher na Igreja

Antônio Carlos Soares dos Santos
pág. 7

Teologia feminista e justiça social

Sandra Duarte de Souza
pág. 10

A Palavra e a volta às origens: meditações

Antonio Carlos Soares dos Santos
pág. 13

Liberdade, liberdade!

João Batista Ribeiro Santos
pág. 16

Liturgia de Páscoa "Lembraí-vos"

pág. 20



Sobre flores, luta e vida

Editorial

Estamos oferecendo o primeiro exemplar da *Revista Mosaico – Apoio Pastoral* de 2019. Entramos neste ano cheios e cheias de dúvidas, mas sempre com esperanças. Para este primeiro número, n. 59, queremos refletir juntamente com você acerca da Páscoa e o caminho de Emaús, a descoberta da dinâmica da fé no cotidiano. Também meditarmos sobre o papel da mulher no ministério de Jesus de Nazaré e o quanto foi e é importante para o amadurecimento do cristianismo em sua história. Além disso, conversarmos acerca da importância da Palavra de Deus na tradição metodista

e na prática cristã. Este número oferece também duas importantes reflexões para os contextos sociais, inclusive para o debate em torno das estruturas da sociedade: um diálogo entre a teologia feminista e a justiça social, e por fim, um estudo sobre o descanso do trabalhador e da trabalhadora não como mero ócio, mas como acontecimento libertador. Fechamos com uma liturgia para o Domingo de Páscoa.

Boa leitura!

*Prof. Antonio Carlos
S. dos Santos*

Editorial

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 27, n.º 59, janeiro-abril 2019

Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista / Universidade Metodista
de São Paulo

**Reitor da Universidade Metodista de
São Paulo:** Paulo Borges Campos Jr.
Diretor da Faculdade de Teologia:
Paulo Roberto Garcia

Conselho Diretor

Wesley Gonçalves Santos (Presidente)
Lia Eunice Hack da Rosa (Vice-Presidente)
Cláudia Maria Silva Nascimento (Secretária)
Bruno Roberto Pereira dos Santos (Vogal)
Eni Domingues (Vogal)
Luciano José Martins da Silva (Vogal)
João Carlos Lopes (Bispo representante do
Colégio Episcopal)

Comissão Editorial

João Batista Ribeiro Santos (Presidente)
Martin Santos Barcala (Secretário)
Blanches de Paula
Eber Borges da Costa
José Carlos de Souza

Responsável por essa edição:

Editores:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

Assistente Editorial: Fagner Pereira dos
Santos

Revisão:

João Batista Ribeiro Santos

Capa: Fagner Pereira dos Santos

Editoração eletrônica: MZ Editoração
Eletrônica

Imagem da capa:

Mosaico Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970
Fone: (0__11) 4366-5958
editeo@metodista.br

Emaús: cotidiano da fé em Jesus Cristo, ressurreto

MARCOS MUNHOZ DA COSTA*

UM BREVE RESUMO

A celebração contemporânea da Páscoa exige de nós uma reflexão que perpassasse nossas convicções de fé, fugindo das fábulas infantilizadas de comemoração, e nos aproxime da presença do Cristo vivo. Assim como os discípulos que ao caminharem para Emaús experimentaram a presença de Jesus e deram novo significado a morte e Jesus. É liturgicamente que demonstramos a qualidade de nossa fé no ressurreto e nos encontramos com ele em nosso próprio caminho de Emaús.

INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo de muitas transformações, há grande desenvolvimento científico, especialmente nas tecnologias de informação e comunicação. As mudanças que estamos experimentando nos últimos 50 anos estão alterando os comportamentos no âmbito do trabalho, das relações interpessoais, das relações sociais, dos que afirmam a fé cristã como regra de vida; basta lembrarmos que antes do advento dos celulares - e estes com acesso a internet - a maneira mais



<https://www.gaudiumpress.org/resource/view?id=135094&size=2>

*Emaús:
cotidiano da
fé em Jesus
Cristo,
ressurreto*

usual de comunicarmos era pessoal, quando muito um telefonema, ou uma carta, a preferência eram as conversas presenciais. Hoje, temos mais “amigos virtuais” e grandes dificuldades para estar com

os “amigos presenciais”, a não ser por mensagens digitais – virtuais. Todavia, tudo tem seu tempo e finalidade, então ingressamos neste novo mundo repleto de novidades e vamos passando por uma transformação, que ainda está em processo e que não sabemos bem onde irá chegar. Certo é que estamos mais tensos, mais agitados, mais comprometidos com agendas e imagens da vida – porque, atualmente, tudo é, antes de tudo, imagem – vivemos a sociedade imagética. Gastamos horas por dia olhando para as telas de celulares ou tablets, ou computadores, ficamos muito tempo presos no trânsito, somos exigidos no trabalho, vivemos estressados... extenuados. Uma das características destes tempos é a agitação que nos coloca em uma situação semelhante a que Cleópas e seu amigo experimentaram após a morte e ressurreição de Jesus.

Entristecidos, frustrados, desesperançados, estressados, extenuados seguiam de volta para casa. Tal eram os sentimentos experimentados naqueles dias, que

não perceberam que tal viajante que lhes confronta com perguntas sobre os fatos ocorridos em Jerusalém era o próprio Jesus. O texto Bíblico (Lucas 24.16) nos informa que seus olhos

estavam como que impedidos de reconhecer Jesus, assim também ocorre conosco, o cotidiano com agendas repletas de atividades, de compromissos

(muitos, ou a maioria, com máquinas e tecnologias virtuais) não nos permitem uma visão cristalina da presença do ressurreto entre nós. O ressurreto está entre os que vivem, mas vivemos a busca-lo nos sinais de morte (Lucas 24.5). É imperativo que nesta sociedade tecnológica imagética, tenhamos marcas da presença do Ressurreto.

PÁSCOA É LIBERTAÇÃO

Os Judeus celebram a Páscoa com uma farta refeição na qual lembram, por meio dos alimentos, os momentos que antecederam a libertação da escravidão, a libertação em si e o início da caminhada em rumo a Terra Prometida. Muitos foram os sinais da ação misericordiosa de Deus, que se manifestou em libertação do povo rumo a promessa para habitarem uma terra que mana leite e mel. Terra alcançada, colonizada, e na qual o povo se estabeleceu para viver a história da salvação razão da sua existência. Esta refeição e toda a liturgia que a envolve é a marca clara, distintiva, objetiva e imagética da fé no Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Contudo o Senhor Deus estabeleceu que para dar andamento a história da salvação precisaria, ele mesmo habitar entre nós – “Emanuel”, Deus conosco, ou ainda no caminho de Emaús, Jesus Conosco.

*Emaús:
cotidiano da
fé em Jesus
Cristo,
ressurreto*

A cristandade celebra a Páscoa com o mesmo sentido de libertação, não mais a escravidão étnica-racial de um povo submetido a outro, mas libertação de tudo que pode nos prender, que nos torna dependentes, homens ou mulheres incapazes de viver em liberdade a vida plena. Para isso também nos colocamos à mesa e celebramos com alimentos simples, universais – pão e vinho. A celebração da Ceia do Senhor põe em evidência o corpo e o sangue de Cristo. Estes elementos tomados e saboreados em memória a obra de Jesus Cristo (encarnação – ministério; morte – redenção; ressurreição – vida eterna) nos coloca no mesmo patamar em que os judeus celebram a libertação e a promessa da terra prometida (em nosso caso o Reino de Deus).

Como afirma Di Sante (2004): “A novidade da liturgia cristã não consiste em uma criação *ex nihilo*, mas na interpretação cristológica dos dados hebraicos; não no seu cancelamento, mas na sua diferenciação.”

Isto é possível porque Jesus é: “a ressurreição e a vida” (João 11.25). A celebração da Páscoa não pode ser realizada por meio das fábulas infantis, é necessário recorrermos à memória da libertação da escravidão de nossos delitos e pecados, à memória do ato transformador que nos faz novas criaturas, à memória da fé que festeja a vida eterna que nos está prometida por amor incondicional. Barclay em seu

comentário sobre o evangelho de Lucas a respeito da ressurreição diz:

O cristianismo não se funda em sonhos de mentes transtornadas, nem em visões de olhos febris, e sim em Alguém que na realidade histórica enfrentou a morte, lutou com ela e a venceu e ressuscitou. (Barclay, 1955, p.254)

A ressurreição de Jesus Cristo é a nossa FESTA!. Afir-mamos que Jesus venceu a morte, que ele está vivo e é nosso mediador. Santo Agos-tinho (2010) dedica ao tema da mediação de Jesus a seguinte colocação:

En efecto, se hizo mortal no debilitando la divinidad del Verbo, sino tomando la debilidad de la carne. Pero no permaneció mortal en la misma carne que hizo resucitar de los muertos; ése es precisamente el fruto de su mediación: que no permanezcan en la muerte de la carne aquellos para cuya liberación se hizo medidor.

Estas afirmações de fé são compatíveis doutrinariamente e dão a exata demonstração do que cremos em relação a divindade de Jesus. Certamente que nossa razão já não busca mais fatos, argumentos, para entrar em discussão sobre o que é a ressurreição ou como ela aconteceu. Antes, vivenciamos o mistério pascal que pode ser compreendido, apenas por meio de Jesus o Cristo, Vagaggini (2009, p.229) pergunta: “Que é nesse sentido o mistério pascal?” e ele

mesmo responde : “O mistério pascal é o fato de que Jesus não é somente o Filhos de Deus encarnado, mas encarnado, vivido na forma *servi* e, ademais, morto e ressuscitado, o *kyrios*”.

Não obstante, a falta de reflexão sobre a morte e ressurreição de Jesus Cristo podem nos levar a uma paralisia de nossa fé, corremos o risco não de não crer, conquanto de deixar a ressurreição em nossa mente como uma ficção como as fábulas infantis de grande poder lúdico e imaginativo, entretanto tão fantasiosas que não podem ser verdadeiras. Crer na ressurreição de Cristo Jesus é antes de tudo um ato de fé, mas também um exercício diário de buscar a este Senhor ressurreto, ou antes, de reconhece-lo entre nós no cotidiano, em nosso “caminho de Emaús”. O mecanismo que mantém a páscoa atualizada em nossa memória, que nos oferece a certeza de que nossa fé em Jesus é para valer acontece na eucaristia, naquela ceia tomada pela fé que festeja. Por meio da celebração da Ceia afirmamos a memória de haver Cristo morrido por nós, a comunhão dos irmãos na fé cristã e a irrupção do futuro e sua alegria, Allmen (2006, p. 146) nos adverte a não isolarmos qualquer desses três elementos norteadores da festa da fé.

Emaús:
cotidiano da
fé em Jesus
Cristo,
ressurreto

CONSIDERAÇÕES...

O ciclo pascal no calendário litúrgico nos auxilia na conservação da memória celebrativa do evento páscoa, muito importante para a cristandade, e os textos bíblicos nos alertam, assim como os anjos ao encontrarem as mulheres que foram ao túmulo para embalsamar o corpo de Jesus, e ali ouviram uma afirmação interessante e maravilhosa : “Por que buscais entre os mortos ao que vive?” (Lucas 24.5). Buscar a Jesus fora da vida cotidiana implica no exercício de uma fé hermética, desvinculada, desconhecida e, portanto, desconectada do Evangelho da Salvação, é procura-lo entre mortos. É verdade que a fé pode fazer com que as liturgias tenham significado, porém apenas a vivência diária com Jesus ressurreto em meio ao povo, com o povo e como povo, é que pode dar existência e significância ao que fazemos quando cultuamos a Jesus, O Cristo, ressurreto; seja por meio de liturgias simples as mais complexas.

Só a fé em Jesus Cristo, ressurreto, que caminha em nosso Emaus pode nos colocar diante do divino; só a fé em Jesus Cristo, ressurreto, nos coloca diante da possibilidade da salvação; só a fé em Jesus Cristo, ressurreto, nos coloca diante da vida em meio ao povo. Não procuremos Jesus em ritos mortos, em celebrações mecânicas, em fábulas e eventos, em ventos de doutrinas, lembremos que os ritos e as liturgias preenchidos por

uma fé autêntica nos conduzem à sabedoria divina e ao conhecimento de sua vontade; porque Jesus está vivo, anda conosco em nosso caminho de Emaus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEA, Salvador Antuñano. **San Agustín**: la ciudad de Dios. Edición, estudio preliminar, selección

de textos, notas y síntesis. Madrid: Tecnos, 2010.

BARCLAY, W. **Comentário Bíblico do Evangelho de Lucas**. Glasgow: Trinity College, novembro, 1955.

Link: [http://www.gospelfree.com.br/downloads/barclay/Lucas%20\(Barclay\).pdf](http://www.gospelfree.com.br/downloads/barclay/Lucas%20(Barclay).pdf)

DI SANTE, Carmine. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido Teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

* Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e docente da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

*Emaús:
cotidiano da
fé em Jesus
Cristo,
resurreto*

Pra não dizer que não falei das flores: a presença da mulher na Igreja

Antonio Carlos Soares dos Santos *

Atualmente a presença da mulher na vida da Igreja é algo bastante comum e notável a todos e todas. Porém, no Ministério de Jesus a participação das mulheres foi algo escandaloso e admirável. E há razões para tanto espanto. Nas páginas da Bíblia, regadas por interpretações equivocadas a respeito da participação da mulher na consumação da Queda do ser humano diante da Graça de Deus, sempre a colocou como principal responsável por este fato desastroso, relegando assim a sua história e sua vivência no texto bíblico a uma condição em segundo plano. Diante da Lei Mosaica a mulher era vista mais como uma propriedade adquirida do que como uma companheira de caminhada: *“Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos e servas, nem teu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença”* (Êxodo 20.17). E adiante, salvo alguns lampejos da ação e desejo de Deus pela igualdade entre ambos, homens e mulheres, a situação da mulher não muda dentro da história de Israel.

Mas, no Ministério de Jesus as mulheres ganharam espaços jamais antes concedido a elas. Culturalmente nada havia mudado nas regiões da Galiléia e Judéia. Mesmos costumes, até mesmo um rigor maior na Lei Mosaica era percebido. Mulheres não eram contadas e a vida seguia assim. Jesus trouxe uma nova perspectiva na visão que se tinha do ministério feminino. A uma mulher que há dezoito anos andava encurvada (Lucas 13. 10-17), chama de Filha de Abraão, ou seja, filha da Promessa. Com a mulher Samaritana (João 4.4-26), Jesus trava um dos mais belos e ricos diálogos das páginas da Bíblia. Exaltou a viúva (Lucas 21.1-4) que ofertou tudo que tinha. Foi ungido em Betânia (Marcos 14. 1-9) pelas mãos sinceras de uma mulher. À mulher adúltera (João 8.1-11), concede o perdão, e declara que ela não era mais pecadora do que os mentirosos, os

invejosos, os intolerantes, os acusadores...E até mesmo se curvou diante da humildade de uma mulher-mãe siro-fenícia (Marcos 7.24-30), que rogou apenas por algumas migalhas, por sua filha, não por ela mesmo, apenas um minuto de atenção à sua dor e desespero. Impossível negar: Jesus soube dar um lugar de destaque à mulher em sua missão de evangelização e salvação.

No entanto, foi na Paixão e Páscoa que a presença feminina ganhou moldes definitivos de valor imprescindível dentro do cristianismo. Foram nesses momentos, em particular, que mostraram que a fidelidade a qual mostravam até então, transpassava a euforia da multidão diante dos milagres que assistiam.

Na multiplicação dos pães e peixes, uma verdadeira multidão se aglomerava para ouvir ou, ao menos ver a Jesus. Cinco mil a contar e talvez mais cinco mil não contados. Fartura, comida, o sobrenatural acontecendo... mas veio a cruz, e com ela a ausência, a multidão se foi, o alvoroço sumiu, os gritos se calaram.

*Pra não dizer
que não falei das
flores: a presença
da mulher na
Igreja*



https://www.allmystery.de/i/t7134a0_die-nazarener-01.jpg

Apenas um madeiro e... ao pé da cruz quatro figuras revelavam que Jesus não estava sozinho. Quatro mulheres (João 19.25) permaneceram fiéis até o momento da cruz. Multidões seguem Jesus na multiplicação, mas os verdadeiros discípulos sabem que existe a cruz. Sem ela, não há cristianismo. Quatro mulheres dignas de serem mencionadas: Maria, a mãe de Jesus; a irmã dela (Joana?); Maria, mulher de Clopas e Maria Madalena. Ao pé da cruz, elas choravam o amor partido, o bem calado, a justiça castigada..., mas ainda assim estavam ali firmes. Aqui começava a se desenhar a força do ministério feminino na história da Igreja de Jesus. Já na cruz a história da mulher mudava, assim como a própria história

mudava com a manifestação de Deus por meio de Jesus Cristo.

Maria Madalena foi a primeira a ver pedra do sepulcro removida, foi a primeira a falar com Jesus depois da ressurreição e foi a primeira a anunciar que Ele estava vivo e dessa forma também estava viva a Palavra que é capaz de transformar toda uma realidade. Uma verdadeira apóstola! Nada mais justo do que, em Maria Madalena, as mulheres recebessem a incumbência do anúncio da ressurreição daquele que tanto as valorizou. Maria Madalena levou

a mensagem de que a Morte não é maior que a Vida... Lucas e Marcos revelam que não apenas Maria Madalena, mas outras mulheres, como Salomé e Maria, mãe de Tiago, presenciaram em primeiro lugar o milagre do Sepulcro Vazio. Mas a narrativa de João, onde Maria Madalena é a personagem, comove pela beleza das palavras. Ao chamá-la pelo nome (João 20.16) Jesus parece convocar todas as mulheres, todas as Marias sofridas, esquecidas, mas também as esperançosas, lutadoras. “Maria!” disse Jesus, “Vá e anuncie que estou aqui”. A mulher em sua sensibilidade guerreira, onde é capaz de entender e ouvir melhor os sinais do Reino de Deus nos conduzem a uma dimensão onde o mais impor-

*Pra não dizer
que não falei das
flores: a presença
da mulher na
Igreja*

tante é a Mensagem e não a sistematização de dogmas.

Hoje em nossas igrejas vemos o impacto da Mensagem do Evangelho nas mulheres. São elas a grande maioria a compor a assistência e os ministérios das igrejas locais. Ainda impulsionadas pelo chamado de Jesus... tantas são chamadas e uma mesma vocação: *Vá e diga que estou vivo!*

Em meio às lutas travadas no decorrer da história, menosprezos e violências, aquele momento diante do sepulcro vazio parece dizer que a fidelidade na tristeza é recompensada com a alegria da Ressurreição. E assim as flores vão nascendo ano após ano, na Páscoa de Jesus, essas flores anunciam a Vida quando Ele as chama pelo nome: Maria,

Tereza, Eva, Margarida, Joana, Regina, Fernanda, Janaína... Antes de qualquer outro, Jesus já falava das flores!

Docente da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Fateo/Umesp), leigo metodista, biblista e mestre em Ciência da Religião pela Umesp.

*Pra não dizer
que não falei das
flores: a presença
da mulher na
Igreja*

Teologia feminista e justiça social

SANDRA DUARTE DE SOUZA*



<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/wp-content/uploads/2017/07/teologia-feminista-600x345.png>

Em 1895, nos Estados Unidos, foi publicada a obra *The Woman's Bible*. Organizada por Elizabeth Cady Stanton com a colaboração de 26 mulheres, essa obra inaugura uma nova perspectiva na leitura bíblica, questionando a hermenêutica tradicional de textos veterotestamentários sobre as mulheres. Stanton foi importante defensora do direito ao voto feminino e pela abolição da escravidão em seu país, e demonstrava as contradições existentes entre a leitura pa-

triarcal da Bíblia e a luta pela justiça para com as mulheres, daí reivindicar a despatriarcalização da interpretação bíblica.

Nesses mais de 120 anos da obra de Elizabeth Stanton, muitas conquistas foram alcançadas, mas ainda prevalece em nossa sociedade a desigualdade de gênero, de raça-etnia

e de classe, entre outras, e a teologia dominante continua a ser inquirida pelas mulheres por sua abordagem patriarcal e desconexa da realidade daquelas que compõem a maioria do contingente cristão no mundo. A “indiscutibilidade” da teologia passa a ser questionada por mulheres e homens que interpelam a Igreja em sua indiferença com as mulheres.

Por muito tempo predominou nas igrejas de tradição cristã e nas instituições de ensino, a ideia de que o saber

Teologia
feminista
e justiça
social

teológico é exclusividade de alguns poucos homens. Como até muito recentemente o exercício do sacerdócio era exclusividade dos homens, e ainda hoje o é em muitos grupos cristãos, nos círculos formais de teologia nem ao menos se cogitava sobre a possibilidade das mulheres estudarem e muito menos produzirem teologia. Durante séculos não houve condições favoráveis para a produção teológica feminina. Sim, houve teólogas ao longo da história, porém, seu trabalho foi ofuscado e desconsiderado pela Igreja e pelas instituições de ensino teológico. A teologia clássica se consolidou como “teologia de homens”, e foi largamente incentivada e reproduzida. A dificuldade imposta às mulheres para acessar a educação formal, em si só já se apresentava como uma desvantagem para a emergência de teólogas, e as poucas que lograram esboçar teologia formalmente, raramente são lidas ou citadas em círculos teológicos.

É assim que emerge a teologia feminista: na marginalidade, objetivando a desconstrução das ideologias patriarcais sexistas. Se podemos dizer que Stanton, em finais do século XIX, foi a precursora da leitura feminista da Bíblia, é na década de 1970 que algumas teólogas, especialmente nos Estados Unidos e Europa, propõem teologizar a partir das vidas concretas das mulheres, teologando a partir das entranhas. Rosemary Radford Ruether (1975), Mary

Daly (1973), Elizabeth Schüssler Fiorenza (1992), Phillis Tribble (1973), Judith Plaskow (1975) e muitas outras, denunciaram o sexismo da Igreja e da teologia, o androcentrismo dos conteúdos teológicos, e como isso afetava duramente a vida das mulheres. De acordo com Ruether,

O princípio crítico da teologia feminista é a promoção da humanidade plena da mulher. Tudo o que nega, diminui ou distorce a humanidade plena das mulheres é, por conseguinte, avaliado como não redentor (1993, p. 23).

Nas décadas que se seguiram, a teologia feminista se viu interpelada pelas demandas de interseccionalidade diante das diferenças de poder entre as próprias mulheres. As demandas de mulheres negras (WILLIAMS, 1985), de mulheres latinas (DIAZ, 1996) e asiáticas (CHUNG, 1990) mobilizaram diferentes grupos, fertilizando esse campo de estudos, e explicitando ainda mais a pluralidade do fazer teológico feminista.

Na América Latina a Teologia Feminista inicia seus primeiros passos entre teólogas da libertação. Conforme afirma Maria Pilar Aquino (1996, p. 44), tal teologia “se autocompreende no marco das teologias libertadoras que

acompanham o processo dos povos oprimidos na transformação das suas atribulações e sofrimentos”. Inicialmente marcada por abordagens que evocavam o protagonismo das mulheres bíblicas, a Teologia Feminista foi, aos poucos, se debruçando sobre a necessidade de construção de novas epistemologias. Teólogas católicas e protestantes emergiram no continente e trouxeram o cotidiano das mulheres para o centro do debate teológico. A violência, a exploração, a culpabilização, a desigualdade das mulheres, a sexualidade, o corpo e muitos outros temas ignorados pela teologia convencional passaram a compor a pauta da teologia feminista latino-americana. Dentre aquelas que têm se dedicado à importante tarefa do fazer teológico feminista, reivindicando a explicitação e o enfrentamento das diferentes formas de discriminação contra as mulheres, citamos apenas algumas como Maria Pilar Aquino (1996), Ivone Gebara (2000), Marcela Althaus-Reid (2005), Maria Clara Bingemer (1990), Nancy Cardoso Pereira (2003), Ivoni Reimer (2016).

A teologia feminista ou as teologias feministas, juntamente com outras teologias marginais, têm reconfigurado o pensamento teológico tradicional e questionado o ocultamento histórico das mulheres e a negação teológica da plenitude feminina. O clamor feminista por justiça social passa pelo reconhecimento da dignidade das mulheres, da igualdade

*Teologia
feminista
e justiça
social*

entre mulheres e homens, do exercício pleno da radicalidade do amor cristão. Daí a importância de sairmos do comodismo de uma teologia que se produz exclusivamente no conforto de nossos escritórios. A teologia feminista se faz a partir da concretude da vida. Trata-se de uma teologia da vida: vida das mulheres que teimam em viver apesar dos sinais cotidianos de morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHAUS-REID, Marcela. **La teología indecente**. Barcelona: Bellaterra, 2005.
- AQUINO, Maria Pilar. **Nosso clamor pela vida**: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BINGEMER, Maria Clara. **O lugar da mulher**. São Paulo: Loyola, 1990.
- CHUNG, Hyun Kyung. **Struggle to be the sun again**: introducing Asian women's theology. Maryknoll: Orbis Books, 1990.
- DALY, Mary. **Beyond God the Father**. Toward Philosophy of Woman's Liberation. Boston: Beacon, 1973.
- DIAZ, Ada Maria Isasi. **Mujerista Theology**: a theology for the Twenty-First Century. Maryknoll: Orbis Books, 1996.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. **Palavras...se feitas de carne!** Leitura feminista e crítica dos fundamentismos. São Paulo: CDD, 2003.
- PLASKOW, Judith. **Sex, sin and Grace**. New Haven: Yale University Press, 1975.
- REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração**: teologia bíblica feminista. São Paulo: Paulinas, 2016.
- RUETHER, Rosemary Radford. **New woman, new earth**. Sexist ideologies and human liberation. New York: Seabury, 1975.
- RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**: rumo a uma Teologia Feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.
- TRIBLE, Phyllis. Depatriarchalizing Biblical Interpretation. **Journal of the American Academy of Religion**, vol. 41, n. 1, p. 30-48, 1973.
- WILLIAMS, Delores. Women's oppression and life-line politics in Black women's religious narratives. **Journal of Feminist Studies in Religion**, Bloomington, IN, vol. 1, n. 2. p. 59-71, 1985. [<https://www.jstor.org/stable/25002018>]

* Teóloga metodista, docente da Faculdade de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

Teologia
feminista
e justiça
social

A Palavra e a volta às origens: meditações

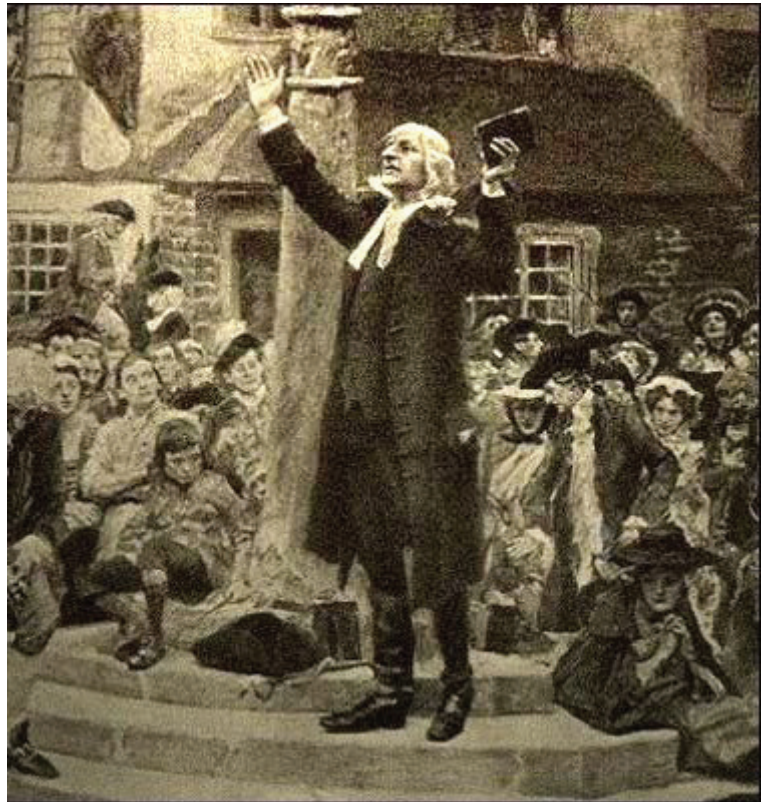
ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS*

**TEXTO: (NEM SÓ DE
PÃO VIVERÁ
O HOMEM...)
MATEUS 4. 1-4**

INTRODUÇÃO

Carta pastoral de John Wesley escrita a John Trembath, John Wesley se detém a aconselhar o inexperiente ministro de Silberton:

“O que tem lhe prejudicado excessivamente nos últimos tempos e, temo que seja o mesmo atualmente, é a carência de leitura. Eu raramente conheci um pregador que lesse tão pouco. E talvez por negligenciar a leitura, você tenha perdido o gosto por ela. Por esta razão, o seu talento na pregação não se desenvolve. Você é apenas o mesmo de há sete anos. É vigoroso, mas não é profundo; há pouca variedade; não há sequência de argumentos. Só a leitura pode suprir esta deficiência, juntamente com a meditação e a oração diária. Você engana a si mesmo, omitindo isso. Você nunca poderá ser um pregador fecundo nem mesmo um crente completo. Vamos, comece! Estabeleça um horário para exercícios pessoais. Po-



http://1.bp.blogspot.com/_/John+Wesley.jpg

derá adquirir o gosto que não tem; o que no início é tedioso, será agradável, posteriormente. Quer goste ou não, leia e ore diariamente. É para sua vida; não há outro caminho; caso contrário, você será, sempre, um frívolo, medíocre e

superficial pregador. Faça justiça à sua própria alma; dê-lhe tempo e meios para crescer. Não passe mais fome. Carregue a sua cruz e seja um cristão no verdadeiro sentido da palavra. E então, todos os filhos de Deus se regozijarão (e não se afligirão) consigo; e, particularmente,

Atenciosamente, etc.”

John Wesley

*A Palavra
e a volta às
origens:
meditações*

Quando eu fui visitar uma igreja metodista pela primeira vez, isso aconteceu numa quinta-feira do dia 20 de junho de 1993. Nessa época, os dias de quinta-feira eram reservados ao Estudo Bíblico. A segunda vez que voltei à Igreja Metodista, foi na Escola Dominical. Meus primeiros contatos com a Igreja Metodista foram através do estudo e reflexão da Palavra. Por isso, talvez, eu esteja tão sentido com a atualidade. Não há mais dia de estudo bíblico... Não falo de grupos de discipulados... Pois, também frequentei na mesma época os grupos de células... Escola Dominical, na maioria das igrejas também não existe mais ou são constantemente negligenciadas. Sou um apaixonado pelo texto bíblico. Às vezes me perguntam nas conversas sobre meu doutorado: *Por que você escolheu a área de Bíblia? O que você vai fazer com isso?*

Sinceramente, não sei dizer... Creio que seja porque minhas origens cristã-metodista estejam ligadas ao estudo da Bíblia. Foi onde e como conheci a Igreja Metodista. Uma Igreja que, até então, valorizava o estudo da Bíblia. Onde se percebia o valor de um espaço para reflexão da Palavra. Onde uma Escola Dominical era capaz de lotar todas as salas e podermos ouvir ao mesmo tempo as vozes questionadoras e o silêncio reflexivo. Por que estudo a Bíblia? Por que tenho essa paixão pelo texto bíblico?

No texto base e na carta de John Wesley, vemos a referência à palavra e ao ato de alimentar-se.

John Wesley foi extremamente rigoroso com um dos pregadores do movimento metodista. Diz que nunca mudou, que não evoluiu em seus sermões, estava enganando a ele mesmo, fútil, medíocre e superficial... Tudo isso porque não tinha o hábito da leitura, não tinha dedicação ao estudo... ao final, Wesley diz: *Faça justiça à sua própria alma; dê-lhe tempo e meios para crescer. Não passe mais fome. Não passe fome...*

Satanás tenta a Jesus para que ele sacie sua fome. Quarenta dias de jejum no deserto, certamente é tempo suficiente para se passar fome. Jesus não nega sua fome, não diz que não precisa de pão, mas há um significado no texto para isso.

TEXTO E CONTEXTO

Há no texto bíblico uma variedade de significados e significantes. Elementos que compõem o texto nos apontam questões importantes. Por exemplo, sabe-se que o cenário de deserto remete a um período de profunda reflexão, dúvidas, de crise, ou ainda a espera de uma confirmação por parte de Deus, sobre tomar alguma decisão. Jesus se prepara para iniciar seu ministério, o deserto é o indicativo de que precisava se reencontrar, se reencontrar com sua vocação... Quarenta é o número que indica um tempo necessário de

preparação para algo novo que vai chegar. Portanto, analisando a narrativa da tentação de Jesus, podemos compreender que simbolicamente é um texto que aponta para reflexão de Jesus acerca de sua missão que seria algo novo a chegar. Jesus ainda não assumiu sua condição de mensageiro do Reino de Deus, poderia estar ciente disso, mas, talvez, houvesse dúvidas, talvez uma crise sobre como seria, como seria recebido. A questão é, pelo texto, há a presença de um conflito entre a humanidade de Jesus e a natureza de sua missão.

PÃO OU PALAVRA?

A figura de Satanás surge no texto como um elemento que traz uma carga a mais de drama para a narrativa. É o tentador, aquele que oferece a Jesus a satisfação dos seus desejos. "Tentação" é um estímulo ou indução a um ato que pareça atraente, ainda que seja inapropriado ou contradiga alguma norma ou convenção social sendo, consequentemente, proibido. A tentação pode estar presente no próprio objeto de desejo ou no modo como este é apresentado, ou ainda na indução por parte de outro através de métodos tão diversos como o elogio, o pedido, a bajulação, o apelo à cumplicidade, o atizar da curiosidade, o uso indevido da autoridade, a geração de medo, angústia ou expectativa, a ameaça de perda, a sedação ou a manipulação.

A primeira tentação que o tentador apresenta é, talvez, a

*A Palavra
e a volta às
origens:
meditações*

mais famosa, principalmente, pela resposta de Jesus:

– O diabo lhe disse: “Se você é o Filho de Deus, mande a esta pedra que se transforme em pão”.

– Jesus respondeu: “Está escrito: *Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede de Deus*”.

Observe que Jesus não nega a necessidade do pão, mas naquele momento não era o alimento a ênfase para vida, mas sim o conhecimento da Palavra de Deus. É esta primeira tentação quero destacar.

NEM SÓ DE PÃO, MAS TAMBÉM DE PALAVRA...

Vivemos crises e dúvidas a respeito dos caminhos do país, da igreja, do próprio cristianismo... Tempos difíceis, o cenário atual poderia muito bem ser um deserto... poderíamos aproveitar o deserto e cravar 40 dias, como preparação. Nossos valores cristãos estão em plena decadência, e quando digo valores cristãos não

me refiro a moralismo barato, que julga e condena qualquer um que pense diferente ou seja diferente, NÃO... Estou falando de valores sérios e que vêm sendo negligenciados, tais como, esperança, fé, e principalmente, amor. Certa vez, o pastor metodista Nilo Sergio Vieira, que estava na Igreja na época em que cheguei, o qual muito agradeço, disse-me o seguinte: *Quando estiver em crise profunda, perdendo seus valores, volte para onde começou.*

A primeira tentação de Jesus é respondida tendo a Palavra de Deus como solução. Creio, que nós metodistas, perdemos o referencial que nos identificava: O povo metodista era o povo da Bíblia. A espiritualidade metodista é uma espiritualidade bíblica. Já que estamos em um deserto de dúvidas e crises, aproveitemos para voltarmos a origem. Achamos que adotar novidades é esquecermos de nossas tradições, mas quando fazemos isso,

matamos a possibilidade de nos reconhecermos na história.

E POR FIM...

John Wesley, chamou a atenção de um pregador, conforme vimos, uma pessoa que não lia, não estudava, não evoluía... Alguém que definhava nas argumentações de sua fé por não se preparar.

A recomendação de Wesley seja para nós também: Não passe fome... Alimentar a alma com o estudo comunitário da Palavra de Deus resolve essa fome. E assim, passamos pelo deserto, 40 dias nos preparando para algo novo...

Por que escolhi a área de Bíblia? Deve ser por que gosto de um bom alimento...

Que assim seja!

* Docente da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Fateo/Umesp), leigo metodista, biblista e mestre em Ciência da Religião pela Umesp.

*A Palavra
e a volta às
origens:
meditações*

Liberdade, liberdade!

JOÃO BATISTA RIBEIRO SANTOS*



<https://tigermoon19.files.wordpress.com/2012/12/ci-239.jpg?w=580>

*Liberdade,
liberdade!*

Perspectivamente, os textos religiosos predominam nas camadas literárias transmissoras de diretrizes e instruções para o antigo Israel. Esse predomínio ficará mais acentuado quando as diretrizes recebem redação sacerdotal no período do assim chamado Segundo Templo ou posterior ao exílio babilônio, especialmente a partir do século V a.C.

Mesmo quando se trata de “palavras” que têm relação com a divisão do trabalho social e com políticas centrais, tanto para o período monárquico quanto para, posteriormente, a administração sacerdotal, os conflitos envolvendo as práticas cúlticas recebem maior consideração escrita do que a reivindicação por descanso semanal ou de entressafra. Não por acaso, a estrutura templar da sociedade como instituição pedagoga (“norteadora”), ao prestar o serviço da legitimação da tradição, sobre põe-se às demais instituições da sociedade.

Preferimos usar a expressão “Palavras” (*Dabārîm*) ao invés de “Dez mandamentos” ou “Decálogo” por conter doze diretrizes ou leis negativas e duas ordens positivas, portanto temos “quatorze mandamentos” em Êxodo 20.1-17. O número dez vale pela praticidade, ainda que não carregue consigo um revestimento simbólico! Por outro lado, o seu privilégio destaca-se por ser um conjunto de “Palavras” que evitou a intermediação mosaica: Yahweh fala diretamente ao povo.

Referir-se-á neste artigo a um tema absolutamente libertador: “conservar o dia do descanso” (*šāmôr ‘et-yôm haššabbāt*), o bendito *šabbāt* ou a “santificação do sábado”. A importância do espírito humanizador (ou “civilizador”) dessa “palavra” pode ser percebida nas suas ampliações ao longo do tempo, dentre as quais a Bíblia hebraica ou o Primeiro Testamento conservou vários fragmentos e duas versões com ampliações incorporadas à Torah a partir do período exílico, no livro do Êxodo (20.8-11) e no livro do Deuteronômio (5.12-15). No seu plano de fundo, as suas elaborações textuais situam-se nas comunidades coloniais multiétnicas sob o império Persa Aquemênida.

As redações são teologizadas à maneira de interpretação, mesmo nos vários fragmentos e rememorações ao longo da Bíblia; ora se diz “lembra-te”, ora se diz “guarda”. Na camada redacional do Deuteronômio (Dt 5-10), as “palavras” fazem parte da “revisão do relato do Êxodo. A revisão tem o efeito de eliminar o Código da Aliança e o decálogo ‘cultural’, deixando como única lei revelada no Sinai o decálogo ‘ético’” (PIXLEY, 1987, p. 145).

De antiguidade comprovada, ao “sábado” tem sido referida uma variedade de fontes e interpretações. Atestado em acádio, *šabbatum* ou

šapattum (*šabbatu* ou *šapattu*), significa “o dia do descanso de Deus”, vinculado ao calendário lunar, o dia do meio do mês ou o dia da lua cheia. Na sociedade israelita o dia recebeu conceptualização diferente da tradição babilônia, que era de “mau agouro” e tinha frequência mensal. Sendo fortemente acentuados, os dias de transição lunar suscitavam temor, considerados transmissores de desgraça; há, contudo, quem se refira a esse dia da lua nova como sendo o “dia de apaziguamento do coração, dia propício” (ANDIÑACH, 2010, p. 272; PIXLEY, 1987, p. 152; EPSZTEIN, 1990, 157; GERSTENBERGER, 2014, p. 460). Frank Crüsemann (1995, p. 47) notou que esta é a única “palavra” que utiliza um termo técnico, *šabbāt*, “descanso”. Trata-se de um período estrito de descanso como parte de um período maior de trabalho, um dia privilegiado numa semana.

Possivelmente exista uma origem quenita do sábado, destinado a parar com o acendimento do fogo nas minas, proporcionando àqueles mineradores do sul do Levante o descanso semanal. Caso esse dado esteja correto, a nossa teoria de que o termo faz parte do ambiente da artesanaria recebe outro aporte, inserido nas reivindicações dos campesinos israelitas. Por isso, na sociedade israelita anterior ao judaísmo antigo,¹ no que concerne ao dia, as atividades cúlticas são

*Liberdade,
liberdade!*

¹ Mesmo nessa época, há registro da segunda metade do século V a.C. em que proíbe-se atividade comercial na colonial Jerusalém (Neemias 13.15-22; cf. também da mesma época Isaías 58.13-14).

dispensadas e literariamente, não são pressupostas.

No judaísmo antigo é operado o rompimento com as orientações do ciclo lunar e do ano solar; agora com ritmo próprio, o dia passou a ser uma celebração a Yahweh: “O sábado era a morada de Deus no tempo. Ele vivia nela, e os humanos, que repartiam com ele tempo e lugar, deviam evitar tudo o que o perturbasse ou ofendesse. Por isso a proibição absoluta do trabalho” (GERS-TENBERGER, 2014, p. 461). Consideramos, inclusive, que até mesmo a orientação dada ao dia de sábado no calendário de Ur III (c. 2112–2004 a.C.), com sacrifícios especiais, não o desloca da esfera política.

Diga-se, atividades religiosas são trabalho, porquanto o descanso deve ser preservado inclusive do culto! Nas codificações humanitárias israelitas mais antigas, o Código da Aliança (Ex 20.22–23.33) e o “Decálogo Cúltico” (Ex 34.17–26), a reivindicação pelo descanso dos membros de qualquer estrato social e de qualquer espécie de animal já se faz notar, ainda que o termo *šabbāt* nos seus usos não indique exatamente “parar, terminar, interditar” como a expressão registrada nestes textos mais antigos. Destarte, há que se atentar para o seu sentido nos contextos das relações sociais. Porém, Assnat Bartor (2016, p. 165) observa que nas coleções legais da Bíblia hebraica ou Primeiro Testamento inexistiu uma uniformidade literária, havendo, portanto, di-

versidade estilística, diferente de outras coleções de leis do antigo Oriente-Próximo.

Por outro aspecto, a importância do descanso demonstrada na sua antiguidade como memória cultural situa-se no quadro da jurisprudência israelita, a saber, o fato de nada se dizer acerca de santificação nem de festejos ou “assembleias” religiosas. Êxodo 34.21: “Seis dos dias trabalharás, mas no dia o sétimo pararás; na sementeira e na colheita pararás” [*šēšet yāmim ta’ābōd ūbayyôm haššbī’i tišbōt beḥārīš ūbaqqāšir tišbōt*].

Desde sua origem o descanso esteve ligado aos modos de vida; neles a liberdade fundamenta a própria existência dos seres criados por Deus e seus registros estão desvinculados de eventos naturais, ou seja, são independentes dos ciclos agrícolas, pastoris e das fases astrais.

Destarte, liga-se a esses ciclos como motivos de festejo – festejar a liberdade do descanso! – e então vemo-lo no contexto da “lua cheia”, como parte dos festejos cúlticos do calendário lunar.² Entretanto, essa assimilação nada mais é que uma apropriação da tradição libertária; como postulou Pablo Andiñach (2010,

² Cf. Amós 8.5; Oséias 2.13; Isaías 1.13; 2Reis 4.23.

p. 272), “a história do sábado deve ser separada de sua prática como rito”; com efeito, no calendário litúrgico, que ordenava a vida ritual no judaísmo antigo, o “mandamento do sábado” foi fixado como base, posto que “era ancorado profundamente na história da criação como uma disposição divina (Gn 2.2 s.)”.

Com efeito, o descanso tem atestação antiga, sem aspeitos religiosos porque suas fundamentações são sociais, mas certamente ganhou maior significação na época exílica, pelos legítimos movimentos por liberdade de escravos e escravos, além da própria condição social dos moradores da colônia persa de Yəhūd.

A aporia se estabelece com o fato de a população “parar” de trabalhar; por consequência, deixar a terra aos seus próprios cuidados enquanto são libertadas vidas (dos animais e dos seres humanos) – dons de Yahweh – ao estabelecer um ritmo de sete dias e sete anos regulares. Inquire-se no quadro da produção de alimentos. A solução revela-se na designação numérica: *šēba’*, “sete” (como identificação do dia do descanso), cuja raiz *šb’* significa “jurar”, o que faz muito sentido quando contrapomos a legislação comprometida com a prática do descanso ao termo *‘ābad*, “trabalhar”, que encontramos na mesma raiz linguística secundária de *‘ebed*, “escravo”, e *‘ābōdāh*, “trabalho” (SANTOS, 2009).

Notemos que as linguagens dos trabalhadores revelam o

Liberdade,
liberdade!

mundo em que eles vivem: trabalho forçado, imposição das camadas sociais dirigentes. Nessas circunstâncias, o descanso torna-se a liberdade circunstancialmente razoável nas legislações que incluem os seres humanos e as várias espécies animais utilizados na divisão do trabalho social. Mas não apenas aos agricultores e pastoralistas escravizados israelitas, o descanso também destina-se aos agricultores e pastoralistas livres e membros da aristocracia. Evidentemente, em primeiro plano estão as populações submetidas daquelas comunidades multiétnicas (meeiros, escravos, estrangeiros residentes, fugitivos etc.), pois o trabalho penoso faz parte do cotidiano de todos que não usufruem dos privilégios imperiais.

Ao que acabamos de aludir, uma glosa fornece-nos o sentido da humanização, com destinação para a aristocracia israelita: “Para que repouse [yānūah] teu escravo e a tua es-

crava como tu” (Deuteronômio 5.14). Segundo Léon Epsztein (1990, p. 159), essa igualdade entre os seres humanos de diferentes camadas sociais já aparece em inscrições do reino de Gudea, em Lagaš no terceiro milênio.

Em adição, o descanso *šabbāt* santifica o dia *šēba’* e ambos remetem-nos à memória criadora de Deus. Com isso, afirma-se o trabalho como atividade fundante e positiva, assim como o descanso como ordem abençoadora. Apenas dessa forma a identidade de Yahweh, o Deus do antigo Israel, poderá ser vinculada ao trabalho como atividade divina e humana, conferindo ao trabalho intrínseca relação com a diretriz para o descanso de todos os seres criados por Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIÑACH, Pablo R. **O livro do Êxodo: um comentário exegetico-teológico**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

BARTOR, Assnat. Legal texts. In: BARTOR, John (Ed.). **The Hebrew Bible: a critical companion**. Princeton: Princeton University Press, 2016, p. 160-181.

CRÜSEMANN, Frank. **Preservação da liberdade: o Decálogo numa perspectiva histórico-social**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 1995.

EPSZTEIN, Léon. **A justiça social no antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1990.

GERSTENBERGER, Erhard S. **Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2014.

PIXLEY, George V. **Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Elementos de direito político-econômico e as estruturas de poder no antigo Israel. **Caminhando**, São Bernardo do Campo, vol. 14, n. 2, p. 155-170, 2009.

* Docente de Antigo Testamento da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Fateo/Umesp).

*Liberdade,
liberdade!*



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL

"Escola Dominical presente na vida"



LITURGIA DE PÁSCOA "LEMBRAI-VOS"

"Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia"
Lucas 24.6



ADORAÇÃO - LEMBRAI-VOS DOS SEUS PODEROSOS FEITOS

Prelúdio

Adoração

(participação de uma ou mais crianças na leitura dos textos bíblicos de Deuteronômio 32.7 e Êxodo 12.26,27)

Dirigente: *Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de gerações e gerações; pergunta a teu pai, e ele te informará, aos teus anciãos, e eles to dirão.
Quando vossos filhos vos perguntarem:*

Criança/s: *Que rito é este?*

Dirigente: *Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então o povo se inclinou e adorou.*

Cânticos de adoração

Louvor ao Trino Deus (Hino 104 do Hinário Evangélico)

Disponível em: www.hinarioevangelico.com/2009/05/104-louvor-ao-trino-deus.html

ou Tú és Santo

Disponível em www.letras.mus.br/ronaldo-bezerra/324329/

Dirigente: Ler o texto Bíblico de Apocalipse 5.11-13

**DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL***"Escola Dominical presente na vida"*

Cristo é a nossa Páscoa, Ele é o Cordeiro de Deus, que foi morto, mas ressuscitou e vivo está!

Cântico: Ao que está assentado no trono

Disponível em www.letras.mus.br/vencedores-por-cristo/872427/

Orações de adoração pela comunidade

CONFISSÃO - LEMBRAI-VOS DE SUAS PALAVRAS

Dirigente: Ler o texto bíblico de Lucas 24.1-8

As mulheres foram ao túmulo de Jesus, não o encontrando ficaram perplexas, quando apareceram os dois anjos, temerosas, olharam para o chão. Os anjos disseram aquelas mulheres, para se lembrarem de que Jesus já tinha dito que essas coisas iriam acontecer, inclusive que Ele ressuscitaria no terceiro dia. Então elas se lembraram!

Quantas vezes nos abatemos, nos desanimamos e nos entristecemos porque nos esquecemos das palavras do Senhor, nos esquecemos de suas promessas, parece até que nos esquecemos de que Jesus venceu a morte, ressuscitou e como Ele mesmo prometeu, voltará outra vez afim de que possamos estar com Ele para sempre.

Confessemos à Deus, quando permitimos que as situações do dia a dia, tirem a lembrança das maravilhosas promessas de Deus, nos fazendo esquecer de que Ele é fiel para cumprir tudo o que prometeu.

Oração de confissão: Pastor ou Pastora

Palavra de Esperança

Dirigente: Que as palavras do Hino "A ressurreição de Jesus", renovem a nossa memória e a nossa esperança de que Jesus triunfou sobre a morte e que Ele vivo está.

Cântico: Hino 41 (Hinário Evangélico)

Disponível em: <http://www.hinarioevangelico.com/2009/03/041-ressurreicao-de-jesus.html>

LOUVOR - O SEU NOME SERÁ LEMBRADO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Cânticos de louvor com a comunidade

Ofertório

Acolhimento as crianças

(Chamar as crianças a frente e distribuir borboletas coloridas de papel ou outro material)

**DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL***"Escola Dominical presente na vida"*

Dirigente: Quem sabe como nasce a borboleta? (Explique, com a ajuda das respostas das crianças, o processo de nascimento da borboleta, enfatizando a transformação da lagarta em borboleta. Diga que a borboleta também é um dos símbolos da Páscoa, pois a transformação da lagarta, nos ajuda a transmitir a mensagem da ressurreição, da nova vida em Cristo Jesus.)

Cantar com as crianças o cântico "A Dona Lagartinha" (CD Todas as crianças são nossas crianças, faixa n°18 – PSAF) Disponível em: <http://www.metodista.org.br/escola-dominical-musicas>
Ou "Voo de Deus" (CD Fazendo Festa 1, faixa n°13 – Igreja Metodista) Disponível em <http://www.metodista.org.br/escola-dominical-musicas>

EDIFICAÇÃO – LEMBRAI-VOS DO MEU EVANGELHO

Sugestão de Texto Bíblico: I Coríntios 15.1-19

Precisamos nos lembrar constantemente do Evangelho que recebemos e que anuncia a ressurreição de Jesus Cristo. E porque Ele ressuscitou, não é vã a nossa fé.

Precisamos nos lembrar do Evangelho que nos anuncia a não limitarmos nossa esperança em Cristo apenas nesta vida, do contrário seremos os mais infelizes de todos os homens e mulheres.

Precisamos nos lembrar do Evangelho, que renova a nossa fé, na certeza da ressurreição para a vida eterna.

ENVIO – LEMBRAI-VOS UNS DOS OUTROS

Dirigente: *"Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois, quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras."* (Hebreus 10.23,24). Seja este o nosso compromisso, fortalecer uns aos outros, afim de não nos esquecermos da razão da nossa esperança.

Cântico final: Porque Ele vive

Disponível em: www.letras.mus.br/harpa-crista/853769/

Oração final

Benção

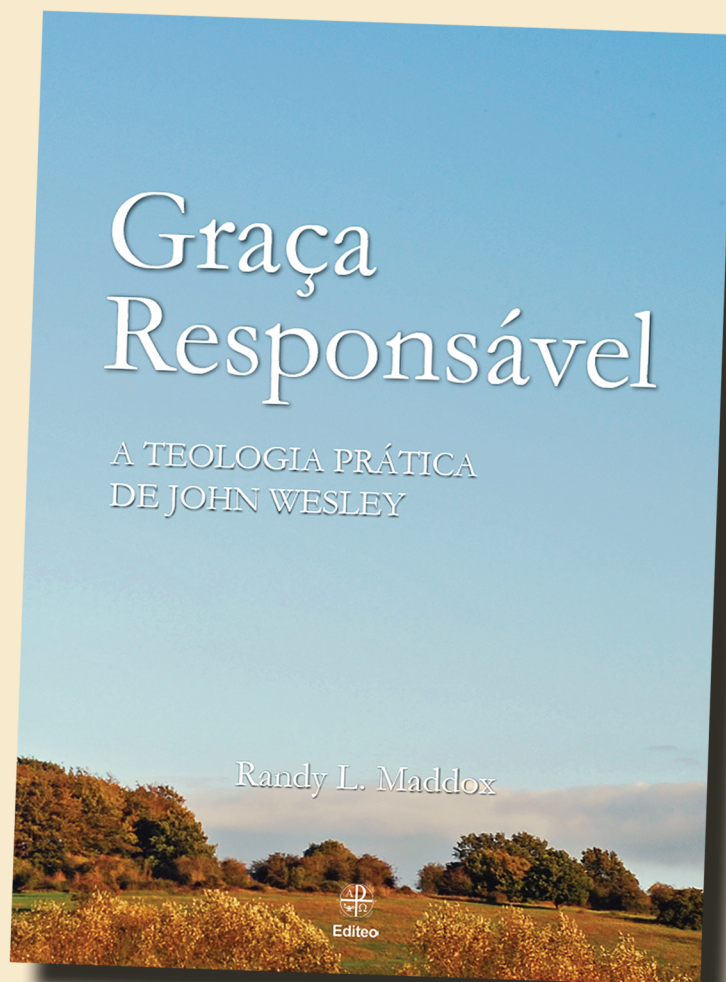
"De nós se tem lembrado o Senhor; ele nos abençoará; [...] O Senhor vos aumente benção mais e mais, sobre vós e sobre vossos filhos." (Salmos 115.12a,14)

Poslúdio

Lançamentos Editeo



Rastros e Rostos
do protestantismo brasileiro.
Margarida Ribeiro
256 páginas
Editeo



Graça Responsável
A teologia prática de John Wesley
Randy L. Maddox
559 páginas
Editeo

Faça seu pedido para Angular Editora
Rua Planalto, 135 – Rudge Ramos
Telefones: (11) 3907-3994 (11) 2813-8634
E-mail: contato@angulareditora.com.br
www.angulareditora.com.br